

MIA COUTO, LITERATURA INFANTIL E HUMANIZAÇÃO: CULTURA, RAÍZES E ANCESTRALIDADE EM ENUNCIADOS VISUAIS E ESCRITOS NA OBRA O BEIJO DA PALAVRINHA

Cyntia Graziella Guizelim Simões GIROTTTO

Edson Rodrigo de AZEVEDO

Joyce Aparecida da Silva LINARD

Letícia KONDO

Como citar: GIROTTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões; AZEVEDO, Edson Rodrigo de; LINARD, Joyce Aparecida da Silva; KONDO, Letícia. Mia Couto, literatura infantil e humanização: cultura, raízes e ancestralidade em enunciados visuais e escritos na obra o beijo da palavrinha. *In*: GIROTTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões; AZEVEDO, Edson Rodrigo de; SOUZA, Renata Junqueira de (org.). **Leitura literária na escola da infância**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2025. p.113-131. DOI: <https://doi.org/10.36311/2025.978-65-5954-642-8.p113-131>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

MIA COUTO, LITERATURA INFANTIL E HUMANIZAÇÃO: CULTURA, RAÍZES E ANCESTRALIDADE EM ENUNCIADOS VISUAIS E ESCRITOS NA OBRA *O BEIJO DA PALAVRINHA*

Cyntia Graziella Guizelim Simões GIROTTO

Edson Rodrigo de AZEVEDO

Joyce Aparecida da Silva LINARD

Letícia KONDO

O texto a seguir, parte das nossas constantes inquietações como pesquisadores e sempre aprendizes dos conhecimentos das teorias e práticas acerca de linguagem, literatura infantil, formação do pequeno leitor e contribuições para ação didático pedagógica dos professores da Educação Básica, em especial, de atuação na escola da infância. Como docente do programa de Pós-graduação e doutorandos da Universidade Estadual Paulista (Unesp) na cidade de Marília, interior do estado de São Paulo, estamos constantemente em estudos que nos orientem e contribuam para o nosso aprendizado e desenvolvimento, estabelecendo diálogos outros formativos, em seus mais diversos meios e suportes.

É inegável a relevância que a literatura infantil possui como um bem cultural, um objeto da cultura humana, fundamental e necessário para despertar o interesse das crianças no ato de ler, e também para a sua inserção na cultura da sociedade na qual vive, seja por meio das histórias contadas oralmente ou pelo objeto-livro. Diante disso, escritores de diversos lugares trazem em suas obras aspectos, características e situações histórico-culturais de seus países, como, por exemplo, os autores moçambicanos, destaque deste nosso estudo.

Se a literatura, como enfatiza Arena (2010) medeia a relação da criança com a cultura de sua época, tanto para o passado, quanto para o futuro, os livros infantis tornam-se poderosos na humanização dos pequenos leitores, além de neles despertar e desenvolver o pensamento, a imaginação, a linguagem, a atenção, memória e tantas outras funções psíquicas, no dizer vygotskiano, vitais à formação e desenvolvimento do humano em cada pessoa, além de ser um “(...) convite à participação criativa da criança, [nela] criando novas necessidades humanizadoras. [como] fome de aprender a ler para matar desnutrição literária”. (Giotto e Souza, 2016, p.18).

Diante da essencialidade de inserir a criança em sua cultura, contribuindo para o seu segundo nascimento, não o biológico, mas o social, correlacionando aquilo que deva ser conhecido e apropriado, com o vivenciado diariamente, tem-se nos livros infantis um importante aliado, pois concordando com Mello (2016, p.44) “(...) as necessidades e os prazeres humanos que extrapolam a esfera do biológico – expressa pelas necessidades de sobrevivência – não são dados geneticamente no nascimento, mas são aprendidos socialmente com a cultura apresentada às novas gerações”.

Entendemos que as histórias, muitas delas orais, são passadas de gerações para gerações, e a criança quando desde pequena tem este legado em seu convívio, terá, felizmente, o desejo pela leitura intensificado, tornando-se uma necessidade diária, melhor dizendo, um projeto de vida, mesmo que ainda ela não tenha a mínima consciência de tal projeto em curso. Não sem razão Mello (2016) destaca que o “prazer de ler, cria para si a necessidade da leitura com a vivência do próprio ato de ler do outro” (Mello 2016, p.46). Para a pesquisadora vygotskiana

[...] Nesse processo [a criança], internaliza, reproduz para si individualmente, o prazer que o outro expressa ao ler e, com isso, ler vai se tornando uma necessidade dela – uma nova necessidade, uma necessidade aprendida socialmente (Mello, 2016, p.46).

Mediante as narrativas literárias, a criança adentra a cultura, além de aprender a perguntar, responder, estabelecer diálogos outros, reconhecer significados sociais e produzir sentidos. A literatura é assim, mais do que apenas uma mera diversão ou meio de relaxamento, ela é sedução e encantamento daquele que ouve e lê.

Por isso, reiteramos o interesse, o desejo, a necessidade pelo literário somente será despertado, se as crianças tiverem acesso às genuínas histórias, àquelas com valor estético exponencial. *O beijo da palavrinha*, obra do escritor moçambicano Mia Couto, enquadrasse nesta categoria. Esperamos com este texto contribuir para (1) a reflexão sobre a obra citada, explorando seus enunciados verbais e visuais, cotejando os aspectos da vida do escritor, o contexto de produção, bem como as marcas da narrativa coutiana acerca da sua terra natal; (2) tanto quanto para a compreensão da importância da literatura infantil nos meios culturais em que a criança vive, com meio contribuidor para seu processo de humanização. A escolha de produção moçambicana toma por base o autor Mia Couto que vem ganhando notoriedade internacional pela recorrente preocupação em propor em suas obras o resgate da cultura singular de seu país de origem, divulgando e fortalecendo suas raízes.

A primeira seção deste artigo aborda a vida e a obra do autor Mia Couto, na sequência há um breve percurso sobre a obra, seguido da análise dos enunciados verbais e visuais da obra publicada em 2006 (edição com ilustrações de Malangatana) e 2008 (versão ilustrada por Danuta) e, por fim, as considerações finais.

Entre palavras e Moçambique

Como uma bordadeira, podemos dizer que o escritor vai tecendo as palavras, as quais entrelaçadas irão formar novas histórias. Para o célebre filósofo da linguagem Bakhtin (2011) o ser da expressão é bilateral, só se realiza na interação de duas consciências (a do eu e a do outro). Nesse sentido, ao ter em mãos um livro, o leitor dialoga com a narrativa, o seu escritor. E assim, inegavelmente, entra em contato com sua história, estabelece diálogo com personagens, ambiente, palavras, cenário, enfim, o conjunto de enunciados quer sejam os verbais ou visuais necessários, para que em perfeita harmonia, tudo faça sentido.

As obras do escritor moçambicano Antônio Emílio Leite Couto, conhecido como Mia Couto, são tecidas com tal maestria que propiciam ao leitor este itinerário de leitura dialógica, tendo como marca central o resgate da tradição cultural moçambicana, por meio de uma linguagem marcada por neologismos.

Nascido em 05 de julho de 1955, na cidade da Beira, capital da província de Sofala, Mia Couto é filho de pais emigrantes portugueses que chegaram ao país no início da década de 1950. Quando criança, Mia brincava com gatos e sonhava que poderia ser um, resultando em seu pseudônimo: Mia. Fernando Couto, pai de Mia, foi jornalista e poeta, pertencendo a círculos intelectuais, onde se faziam debates, chegando a escrever dois livros que demonstravam preocupações sociais em relação aos conflitos existentes em Moçambique. Mia Couto despertando as veias literárias teve os seus primeiros poemas publicados ainda na juventude, quando tinha 14 anos, no jornal Notícias da Beira.

No ano de 1972, o escritor deixou então a cidade e partiu para Lourenço Marques para estudar Medicina. No ano de 1974 entrou para o jornalismo, sendo repórter e diretor da Agência de Informação de Moçambique (AIM). Durante o período como jornalista, percorreu vários jornais como a revista semanal Tempo e Jornal Notícia, entretanto abandonando a carreira no ano de 1985. É evidente que o período que o escritor dedicou-se ao jornalismo, foi imprescindível para que ele pudesse conhecer em seu país a geografia, tal como sua biodiversidade cultural, etnológica e econômica, elementos importantes para a composição de seus personagens. “O jornalismo foi um campo de atuação que proporcionou a Mia Couto a recolha de dados referentes ao seu espaço, os quais mais tarde modelarão suas personagens, imprimirão vida aos ambientes e, sobretudo, darão coerência ao seu fazer literário” (Daverni, 2011, p.423).

O curso de medicina que foi interrompido devido a questões político-sociais foi retomado, mas em uma nova área, a da Biologia. Em 1985, portanto, retorna a Universidade e termina o curso de Biologia no ano de 1992, ano em que publica o seu primeiro romance *Terra Sonâmbula*, bem como ao mesmo ano, termina em Moçambique a guerra civil.

Mesmo sem lermos a grande e vasta produção literária do escritor, é possível sentir a sua genialidade ao ler qualquer um dos seus escritos. Basta um livro de Mia Couto para nos fazer sentir a necessidade de nele encontrar nossa essência, nossa cultura, a poesia que habita em nós, podendo nos fazer morada. Para quem crê que literatura e biologia estão relacionadas, Mia Couto aprendeu a ouvir outras linguagens. “[...] Com ela entendi a Vida como uma história, uma narrativa perpétua que se escreve não em letras, mas em vidas”

(Couto, 2005, p.123, *apud* Daverni, 2011, p. 425). Por intermédio de tais vidas retratadas, o leitor é capaz de estar em contato com as raízes do autor e tudo que envolve a ancestralidade. Mia Couto sintetiza:

um escritor da terra, escreve e descreve as próprias raízes do mundo, explorando a própria natureza humana na sua relação umbilical com a terra. A sua linguagem extremamente rica e muito fértil em neologismos, confere-lhe um atributo de singular percepção e interpretação da beleza interna das coisas (Couto, 2023).

E, ainda, poderíamos acrescentar com as palavras de Daverni

é preciso considerar as trocas existentes entre o Mia Couto cientista e o escritor, na medida em que o estudo da biodiversidade de seu país permitiu a ele não apenas o contato com as cosmovisões rurais, como também uma leitura ainda mais apurada dos espaços moçambicanos, sua Natureza, seus rios e terras, resultando, no que toca à literatura, na exploração das inúmeras possibilidades de se constituir a espacialidade literária, de modo a avivar pela magia da palavra o cinza bélico legado pela ganância humana (Daverni, 2011, p.426).

Mia Couto carrega, portanto, nos versos e na prosa a sensibilidade e potência ao mesmo tempo. Preocupado em escrever sobre as questões sociais de seu país, seus habitantes, cultura local, o cotidiano das aldeias, o escritor vai “tecendo” a oralidade com a escrita, de tal forma, que uma preencha a outra, saindo do raso e descobrindo as suas mais profundas existentes camadas. Concordando com Bakhtin (2011) “cada palavra (cada signo) do texto leva para além dos seus limites. Toda interpretação é o correlacionamento de dado texto com outros textos”, e Couto ao potencializar seus escritos, está também correlacionando-os a outros enunciados. E ao fazer isso, o autor articula as palavras escritas com os acontecimentos da natureza, da cultura, do cotidiano do povo moçambicano, de forma a trazer beleza e reflexão ao mesmo tempo. O leitor em contato com suas obras é convidado a mergulhar profundamente nos fios que tecem cada sentido, não sendo as palavras apenas uma grafia, mas um potencializador de sensações e sentidos.

Conforme afirmado por Giroto e Souza (2016, p. 29) “a escuta literária retira o homem de seu próprio tempo, de seu tempo individual, cronológico, histórico e o projeta simbolicamente para um instante que não pode ser medido, por não ser constituído por uma única direção”. Tais situações são recorrentes nas obras do autor, pois “as imagens que Mia Couto cria, evocam a intuição de mundos fantásticos e em certa medida surrealistas, subjacentes ao mundo em que se vive, que envolve de uma ambiência terna e pacífica de sonhos – o mundo vivo das histórias” (Couto, 2023).

Percorrendo por Poesias, Contos, Crônicas, Romances e Literatura Infantil, ganhador de grandes prêmios literários (como em 2007, o prêmio União Latina de Literaturas Românicas), o leitor se apercebe o quanto Mia Couto tem uma vasta produção literária, como as brilhantes produções: *Raiz de Orvalho* (1983); *Terra Sonâmbula* (1992); *Raiz de Orvalho e outros poemas* (1999); *Na Berma de Nenhuma Estrada* (1999); *Mar me Quer* (2000); *O Fio das Missangas* (2003); *O País do Queixa Andar* (2003); *A chuva Pasmada* (2004); *O beijo da palavrinha* (2008), dentre outras. Com uma escrita única e peculiar, sendo traduzido em diversos países, Mia Couto deixa o leitor presumido em evidente dificuldade de escolher aquela que mais possa lhe agradar, dessa forma.

Como nosso objeto de estudo é a literatura infantil, logo adiante, como anunciado, um breve exame sobre uma de suas obras publicada em 2008, *O beijo da palavrinha*, será apresentado, bem como, faremos algumas comparações com sua primeira edição publicada em 2006 e outra de 2008 com o intuito de fomentar aspectos da qualidade estética e literária presentes nos enunciados verbais e visuais das obras.

“O beijo da palavrinha”: um breve contexto da obra

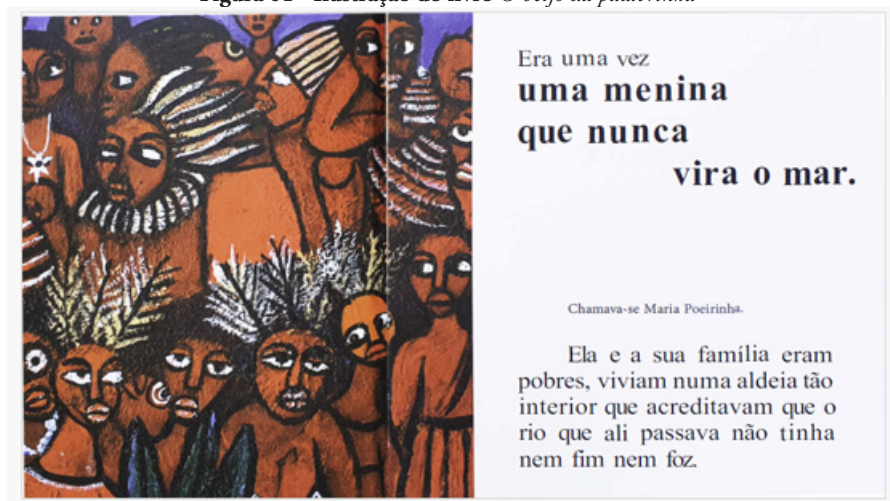
Os enunciados e narrativas trazidas até aqui, nos aproximam das vozes moçambicanas que, neste artigo, se fazem ouvir por Mia Couto. Inebriados pelo ofício arte do autor, ampliaremos nossos diálogos a partir da obra *O beijo da palavrinha* buscando compreender as tantas camadas da narrativa, perpassando pelo seu contexto de produção assim como as edições já publicadas no cenário editorial.

O livro já foi publicado em duas edições: a primeira no ano de 2006 pela editora Língua Geral, e a segunda edição em 2008 pela editora Caminho. A história apresenta em seu bojo uma família pobre que não conhecia o mar.

Na narrativa, o autor Mia Couto nos convida a adentrar em sua Moçambique, sua terra natal, e nas marcas de um povo que, por quase 20 anos, viveu uma guerra civil¹⁰. É neste cenário, no interior da África, que Maria Poeirinha, Zeca Zonzo e sua família vivem a narrativa de cumplicidade e sensibilidade que o enredo nos apresenta.

Logo nas primeiras páginas da narrativa coutiana, encontramos a contextualização do ambiente: “uma aldeia tão interior que acreditavam que o rio que ali passava não tinha nem fim nem foz”, sinalizando as marcas territoriais nas quais a história acontece. Outra marca que podemos ver na obra de Mia Couto e que nos remete ao território e cultura ancestral moçambicana, pode ser vista em uma das ilustrações do livro, a seguir.

Figura 01 - Ilustração do livro *O beijo da palavrinha*



Fonte: Couto, 2006.

A ilustração de um dos trechos do livro publicado em 2006 traz marcas da estampa africana, assim como evidenciam os traços do artista

¹⁰ Segundo dados do Portal do Governo de Moçambique, a opressão secular e o colonial fascismo português acabaria por obrigar o povo moçambicano a pegar em armas e lutar pela independência, que foi proclamada apenas em 25 de junho de 1975. Porém, a partir do início dos anos 80, Moçambique viveu um conflito armado dirigido pela RENAMO (Resistência Nacional de Moçambique). Tal conflito destruiu muitas vidas e acabou com muitas infraestruturas económicas. A ceifa só terminaria em 1992 com a assinatura dos Acordos Gerais de Paz entre o Governo da Frente de Libertação de Moçambique e a RENAMO.

moçambicano Malangatana. O ilustrador, também carrega no seu ofício-arte marcas de Moçambique e da luta pelo seu povo. Em meados de 1960, o artista foi preso pela polícia política portuguesa, acusado de ligações com o Governo da Frente de Libertação de Moçambique. Malangatana, na década de 90, atuou como deputado federal e foi reeleito no ano de 2003. Tais dados ressaltam o papel político-social da sua arte e que, na obra *O beijo da palavrinha*, estabelecem diálogos com o contexto moçambicano.

Para ampliar o quadro em que a obra é tecida, olharemos para os diálogos de Riso (2010), quando o autor apresenta-nos a personagem Maria Poeirinha.

Diante da miséria em que a personagem vivia, até o sonho, espaço libertador dos descaminhos de um sofrido cotidiano, espaço para se escorar no universo onírico para dar asas à imaginação e trazer um pouco de alento a tão triste vida, nem nesse espaço ilimitado e livre, a menina consegue desvencilhar-se de sua condição, como relata o autor: até Poeirinha tinha sonhos pequenos, mais de areia do que castelos. Às vezes se convertia em rio e seguia com passo lento, como a princesa de um distante livro, arrastando um manto feito de remoinhos, remendos e retalhos. A descrição de seu manto representa o seu viver fragmentado e frágil como grãos de areia, a falta de ambição porque talvez nem saiba o que isto seja, e ausência de qualquer expectativa de melhora, pois o que imagina bom está distante como a princesa de um livro, condição esta que também é motivada pela hostilidade do ambiente em que vive. O seu espaço físico-geográfico hostil, é o que decepa as asas literárias do sonho para rapidamente recolocá-la no seu meio, na sua realidade crua, de pés descalços, intenso calor e rio seco: Mas depressa ela saía do sonho, pois seu pés descalços escaldavam na areia quente. E o rio secava, engolido pelo chão. (Riso, 2010, p.2)

A voz de Riso ilustra algumas das camadas de leitura da obra assim como a beleza dos enunciados que tecem a imagem de Maria Poeirinha: a menina que não conhecia o mar e que na sequência da história encontra-se doente. Em continuidade, dois outros personagens são apresentados: o irmão de Maria Poeirinha, Zeca Zonzo e, em seguida, o tio dos irmãos, Jaime Litorâneo. Este último, ao ouvir que a família não conhecia o mar, fica perplexo e ressalta: o mar abriu-me as portas para o infinito. Os enunciados do tio Jaime nos convidam a pensar nessa infinitude do mar: uma metáfora encharcada de vozes-outras, de possibilidades outras, de narrativas outras para

além daquelas que a família vivia na aldeia. A voz do tio Jaime ecoa-nos como um grande convite-desejo: o que havia neste infinito mar?

Nas páginas de Mia Couto, o tio apresenta o mar como um novo horizonte, como cura para a fome, a solidão, e até para a palermice do personagem Zeca (Couto, 2006). A seguir, no decorrer da história, Maria Poeirinha é acometida por uma doença e, o mar, já significado pelo tio como sinônimo de cura, é aqui evidenciado mais uma vez no seu poder de restauração. A menina estava doente e o tio não teve dúvida: ela precisava conhecer o mar: o mar que exige a alma inteira, o mar que cura de todas as mazelas da vida; o mar como um exercício libertário (Riso, 2010).

Sobre o personagem do tio Jaime, voz-outra que ecoa na família moradora do interior moçambicano, Covane expressa.

É possível compreender, a partir dos enunciados do autor que o nome Litorâneo associado ao “tio Jaime”, para além de apresentar um potencial de transformação no seio da família, revela uma possibilidade de superação, da esperança de uma vida melhor, o acesso aos serviços da saúde para que a Maria Poeirinha se cure da sua doença inexplicável no seio familiar. Além do mais, seria do mar que a Poeirinha e sua família teriam acesso à alimentação, educação e saneamento básico, de modo a libertar-se da vulnerabilidade por ela vivenciada (Covane, 2022, p.199).

Entretanto, as condições físicas da menina não permitiam que a mesma conhecesse o mar. Eis que, Zeca Zonzo, seu irmão anuncia a todos que vai mostrar o mar para irmã e, assim, num dos gestos de vida apresentados pela história, o irmão escreve a palavra “Mar” em um papel e vai guiando o dedo da irmã sobre as marcas que havia feito na folha em branco (as letras m, a e r). Para além de guiar os dedos da menina, Zeca Zonzo começa a soprar os dedos da irmã e assim, Maria Poeirinha, começa a decifrar esse mar que habitara aquele quarto que agora começava a encher-se de vida, permitindo que todos pudessem escutar o marulhar (Couto, 2006). Este som, anunciado pelo tio Jerônimo Litorâneo, e em harmonia com a palavra mar, beijam a menina: do leito ergueu-se a gaivota branca! Maria Poeirinha é beijada pelo mar e se afoga numa palavrinha...

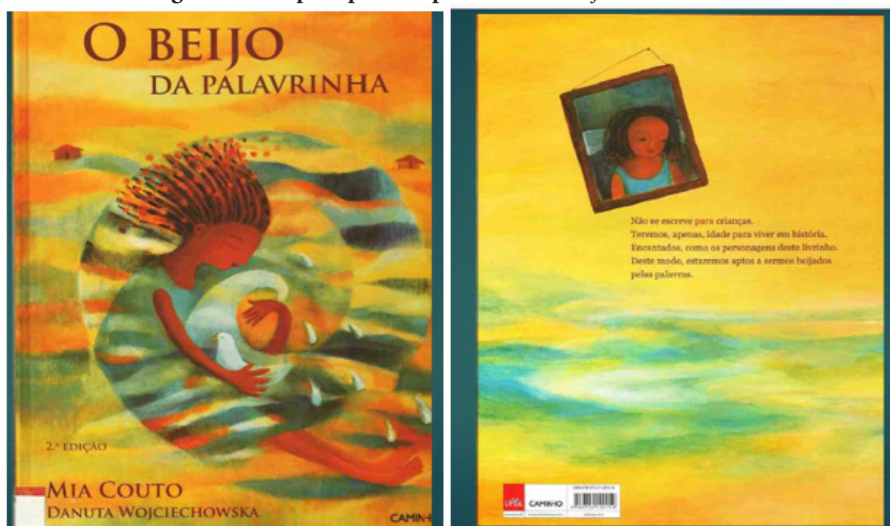
Assim, Mia Couto toca-nos com os versos de *O beijo da Palavrinha*, apresentando-nos um pouco do seu território e das narrativas que ali circulam

e evidenciadas em trechos da narrativa: a aldeia, os sinais de um país assolado por uma guerra civil e repleto de fragilidades (e que na narrativa se somam às fragilidades de saúde de Maria Poeirinha), emergindo a história e cultura moçambicana, contextualizadas a partir de sua obra literária.

Na próxima seção, alargamos nossos diálogos acerca da obra, partindo de uma análise das duas edições do livro, perpassando pelos enunciados verbais e visuais presentes nas publicações.

Breve análise dos enunciados visuais em cotejo

Figura 02 – Capa e quarta capa do livro *O beijo da Palavrinha*.



Fonte: Couto, 2008.

Quando recebemos um livro em mãos, antes mesmo de abrímos e iniciarmos a leitura das páginas contidas em seu miolo, acabamos sendo capturados pelos elementos presentes na capa e quarta capa. Estes nos guiam e nos fazem imaginar um universo de possibilidades narrativas: perguntas iniciais inundam nossa mente e são elas que nos fazem prosseguir, ir em busca das possíveis respostas. Desse modo, a fim de uma análise dos enunciados visuais, escolhemos a publicação do ano de 2008 para uma melhor compreensão.

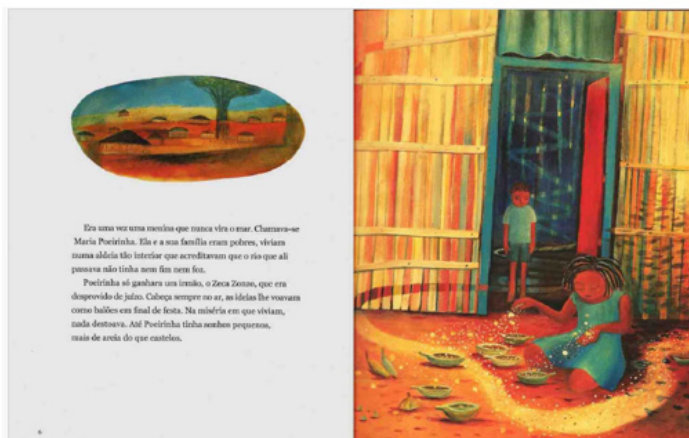
Nas palavras de Nikolajeva e Scott (2011, p. 70): “É interessante também observar qual ilustração foi escolhida para a capa. As capas de livros

ilustrados sinalizam o tema, o tom e o caráter da narrativa, além de sugerir um destinatário”. Na imagem acima, enfatiza-se uma garotinha negra de olhos fechados, cabelos ao vento e semblante tranquilo. Suas mãos parecem abraçar um pequeno pássaro branco e, ao mesmo tempo, um pedaço de onda que envolve a menina em formato de caracol, fundindo-se à paisagem: o predomínio da cor marrom ganha tons azulados. Mais ao fundo, notamos a presença de duas casas, uma localizada no canto superior direito e outra no canto superior esquerdo.

Talvez, perguntas como “Por que a pequena abraça tais elementos?” ou “Ela mora em uma daquelas casas?” estejam na mente do leitor e este queira buscar indícios para respondê-las. Assim, ao virar o livro, nos deparamos com a imagem da menina em um retrato. Não encontramos novos elementos que possam nos ajudar com respostas, porém o tom marrom captura novamente nosso olhar. Desta vez, há muito mais predomínio desta cor, o azul aparece apenas de forma sutil, insinuando uma névoa no céu.

Repletos de questionamentos e com poucas informações capazes de nos trazer respostas, passamos ao miolo do livro. A menina de família pobre e que vive com restrições de água, os elementos terra e a poeira serão marcantes para toda família, pois até mesmo a personagem principal carrega o peso da “Poeira”. Em diversos momentos narrativos, os enunciados verbais e visuais destacarão tal realidade, um exemplo apresenta-se no enunciado verbal “Na miséria em que viviam, nada destoava. Até Poeirinha tinha sonhos pequenos, mais de areia do que de castelos.” (p. 6) seguido pelo enunciado visual na página seguinte:

Figura 03 – Página do livro *O beijo da Palavrinha*.

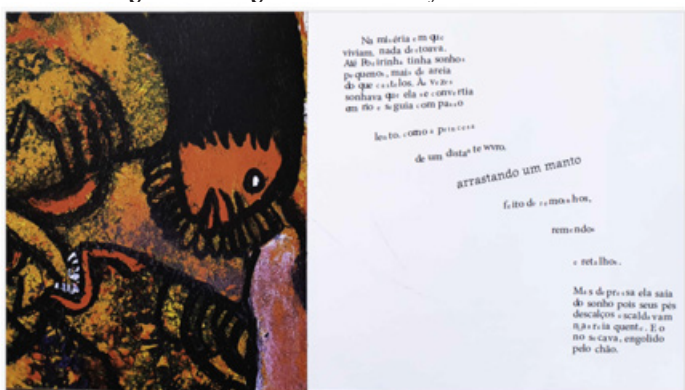


Fonte: Couto, 2008.

Na figura 03, o tom marrom amarelado predomina de cima a baixo, Maria Poeirinha e seu irmão – Zeca Zonzo – apresentam semblante triste, olhos voltados para baixo, fisionomia endurecida pela realidade. No entanto, eles vestem o azul das águas, suas roupas apontam para a possibilidade de esperança dos rios e mares, só estes podem tirá-los da situação difícil.

Contudo, a narrativa desta mesma passagem na obra publicada em 2006 não traz indícios da esperança. Conforme ilustra a figura 04, os enunciados visuais permanecem em tons de marrom em toda página e a cor azul aparecerá somente duas folhas à frente, com a chegada de um familiar à aldeia em que vivem.

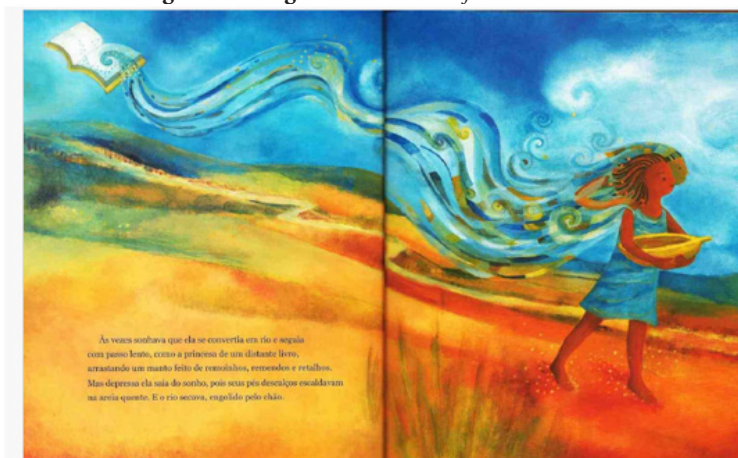
Figura 04 – Página do livro *O beijo da Palavrinha*.



Fonte: Couto (2006).

Retomando a obra de 2008, as páginas 8 e 9 reafirmam a esperança da personagem, e por diversas vezes Poeirinha sonhava em ser a própria heroína da história, transformando-se em rio e “(...) arrastando um manto feito de remoinhos, remendos e retalhos” (p.8). Porém, os sonhos duravam pouco e o ardor da areia quente que alcançava seus pés descalços fazia a menina retornar para o mundo real.

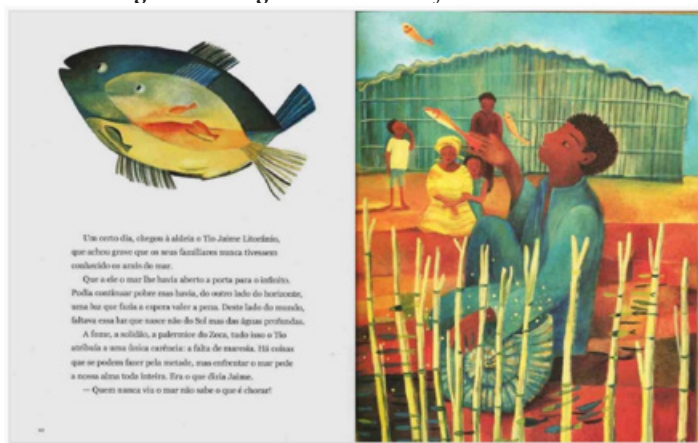
Figura 05 – Página do livro *O beijo da Palavrinha*.



Fonte: Couto, 2008.

Enquanto a chegada do “Tio Jaime Litorâneo” enfatiza a dura situação vivenciada pela família - este “achou grave que os seus familiares nunca tivessem conhecido os azuis do mar.” (p.10) – ela, também, será o elemento representativo de esperança para os problemas dos personagens, uma vez que a palavra “Litorâneo” presente em seu próprio nome carrega metaforicamente a presença das águas. Tio Jaime traz consigo a leveza das águas, tudo ao seu redor remete ao mar e, pela primeira vez, a cor azul e marrom dividem a paisagem com bastante harmonia e equilíbrio.

Figura 06 – Página do livro *O beijo da Palavrinha*.



Fonte: Couto, 2008.

Com a doença da menina, os enunciados visuais das cenas seguintes, tanto na edição de 2008 quanto na de 2006, revelam a família reunida ao redor da cama de Poerinha já muito debilitada pela doença.

Figura 07 – Página do livro *O beijo da Palavrinha*.



Fonte: Couto, 2008.

Figura 08 – Página do livro *O beijo da Palavrinha*.



Fonte: Couto, 2006.

O ato de se reunirem em volta do leito da pequena carrega uma carga simbólica cultural bastante forte, de acordo com Covane,

(...) no decurso da doença a família da Maria Poeirinha se aproximou à cabeceira para fazer certos rituais pedindo perdão aos seus antepassados, porque na tradição africana a morte de uma criança é tida como uma má morte (Covane, 2022, p.200-201).

Desta forma, não foi uma mera coincidência as duas edições terem priorizado marcar a passagem de tal forma, os dois ilustradores – Danuta (edição de 2008) e Malangatana (edição de 2006) – trazem enunciados visuais carregados de projetos de dizer, carregados pela valoração semântica da cultura de um povo.

Na cena em que mesmo estando ciente da condição da irmã, e propondo alguma forma de salvação para a menina, o irmão Zeca Zonzo: com papel e caneta em mãos, decide apresentar o mar para Poeirinha, temos nas ilustrações, as cores fortes e vibrantes que acabam trazendo leveza, apesar do sofrimento vivenciado, com destaque para as asas remetendo para o plano espiritual.

Figura 09 – Página do livro *O beijo da Palavrinha*.



Fonte: Couto, 2008.

Vivenciando o contato com o mar, Poeirinha se despede do plano terrestre e, se ergue como uma “gaivota branca” (p.26) aos céus.

Figura 10 – Página do livro *O beijo da Palavrinha*.



Fonte: Couto, 2008.

A narrativa se fecha com as memórias e palavras de Zeca segurando o quadro com a fotografia da irmã. Neste momento, identificamos a presença do mesmo enunciado visual ilustrado na quarta capa (figura 02). No entanto, a página nos traz a cena ampliada na qual os elementos da terra e mar participam do mesmo plano e se misturam, formando um grande diálogo de símbolos que

permanecem vivos: Poeirinha permanece nas memórias de seu irmão, ao mesmo passo que voa como uma gaivota livre e, ainda, repleta de vida.

Figura 11 – Página do livro *O beijo da Palavrinha*.



Fonte: Couto, 2008.

Considerações Finais

Ao chegarmos nas considerações que costuram o nosso projeto de dizer construído pela leitura da obra *O beijo da Palavrinha* em duas edições, alinhavado pelas nossas vivências acadêmicas, reiteramos que ao buscarmos estabelecer diálogos com a obra do autor moçambicano Mia Couto, partindo de sua vida e obra perpassando por uma análise dos enunciados verbais e visuais que a compõe, tivemos a intenção de demonstrar a qualidade estético-literária de sua produção, e, portanto, seu potencial humanizador na escola da infância.

Sobre a vida do autor, destacamos a relação íntima com o contexto do seu país de origem, assim como as marcas da cultura e da vida do povo moçambicano presentes em sua obra. Por meio da escolha do cenário, dos personagens e das metáforas que se desnudam durante a narrativa de Mia Couto, o autor evidencia que está mergulhado no seu país e na trajetória histórico-social na qual está inserido.

Pudemos, ainda, ressaltar que os versos coutianos revelam ritos e gestos ancestrais e culturais do povo moçambicano. Ao analisarmos os enunciados

verbais e visuais das duas edições do livro (2006 e 2008) foi possível observar que nas duas edições, apesar de terem ilustradores e projetos gráficos diferentes, há um diálogo coerente entre as narrativas: a de evidenciar a valoração semântica da cultura de Moçambique, país do autor.

Assim, para terminarmos o projeto de dizer aqui descrito, consideramos que a leitura mais alargada da narrativa nos proporcionou adentrar um pouco mais nesse território-vida-obra de Mia Couto, permitindo-nos ouvir o seu marulhar, um verbo inventado pelo próprio autor e narrado pelo personagem do Tio Jaime. Um marulhar como deixar-se banhar pela poética, sensibilidade e cumplicidade de dois irmãos de uma aldeia moçambicana. Enfim, obras dessa natureza com inegável valor estético carregam em si o potencial humanizador: ao despertar nas crianças a necessidade pelo literário, via o ato de ler e/ou ouvir genuínas histórias da literatura infantil, o livro como objeto da cultura humano contribui para a formação e desenvolvimento do humano em cada aprendiz de leitor.

Referências

ARENA, Dagoberto Buim. A Literatura Infantil como produção cultural e como instrumento de iniciação da criança no mundo da cultura escrita. In: SOUZA, Renata Junqueira de. (Org.) (et al). **Ler e compreender**: estratégias de leitura. Campinas: Mercado das Letras, pp. 13-44.

BAKTHIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

COUTO, Mia. **O beijo da palavrinha**. Ilustrações de Malangatana. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2006. (Coleção Mama África).

COUTO, Mia. **O beijo da palavrinha**. Ilustrações de Danuta Wojciechowska. Alfragide: Caminho, 2008.

COUTO, MIA. **Biografia, bibliografia e premiações**, 2023. Disponível em: <https://www.miacouto.org/>. Acesso em: 04 jan. 2023.

COVANE, Micaela Sílvia Simão Fondo. A literatura infantil e o livro o beijo da palavrinha: análise sob a perspectiva bakhtiniana. In: LIMA, Alexandre Xavier; PEREIRA, Angélica de Oliveira Castilho; CARDOSO, Cassiana Lima. (Org.). **Literatura Infantil/Juvenil e Escola**: Relações entre leitura literária e ensino. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2022.

DAVERNI, Rodrigo Ferreira. **Mia Couto e a arquitetura da desconstrução**. Critica Cultural (Critic), v.6, Palhoça, SC, p.419-440, 2011.

GIROTTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões. SOUZA, Renata Junqueira de. Práticas de Leitura na Infância: Desatando os nós da formação de ouvintes e leitores in: GIROTTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões; SOUZA, Renata Junqueira de. **Literatura e Educação Infantil**. 1ª ed. Campinas: Mercado das Letras, vol.1, pp.11-38, 2016.

MELLO, Suely Amaral. Leitura e Literatura na Infância. In: SOUZA, Renata Junqueira de. (Org.) (et al). **Literatura e Educação Infantil**. Campinas: Mercado das Letras, vol.1 pp. 39-56, 2016.

NIKOLAJEVA, Maria; SCOTT, Carole. **Livro ilustrado**: palavras e imagens. Trad. Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

RISO, Ricardo. Mia Couto: **O beijo da palavrinha**. Portal Geledés. 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/mia-couto-o-beijo-da-palavrinha/>. Acesso em: 05.jan. 2022.